



ALUÍSIO Franca, diretor do HBDF: "Desinformação é grande"

Uma espera longa e sofrida

Para quem está na fila de espera para um transplante de órgão, cada dia que passa aumenta o sofrimento e o desconforto. Esté o caso do pedreiro aposentado Humberto da Silva, 42 anos. Três vezes por semana ele sai da casa onde mora, em Ceilândia, para fazer a hemodiálise no Hospital Santa Luzia, na Asa Sul.

Nos dias de tratamento Humberto pega dois ônibus para completar a viagem de uma hora e meia até o hospital. "O pior é a volta. Fico muito fraco e tenho uma dor de cabeça muito aguda; às vezes chego a sentar no chão do ônibus porque as pessoas não levantam para dar lugar e não agüento ficar em pé".

Há dois anos Humberto espera por um doador de rim. Ninguém na família do pedreiro pode fazer a doação, pois todos sofrem de pressão alta. "Meus filhos ainda são muito novos e isto dificulta porque desta forma preciso de um doador cadáver e hoje está todo mundo com medo", afirma referindo-se ao receio dos familiares de mortos cerebrais em autorizar o transplante.

No entanto, segundo ele, o pior da espera é não poder mais participar do futebol no fim de semana. "Hoje se

corro 500 metros meu coração quase sai pela boca, então passo a maior parte do tempo em casa", diz.

Quem já passou pelo transtorno se sente aliviado. É o caso do lavrador Evandro Gonçalves, 28 anos. Há dois anos, ele passou pela cirurgia de transplante do rim e, a partir daí, ganhou uma nova vida. Semana passada ele teve de se internar no HBDF por conta de uma pneumonia, mas nada grave, garante.

Antes do transplante, Evandro passava boa parte do seu tempo no hospital, fazendo hemodiálise. "Foram cinco anos de sofrimento e espera", revela. Quando fazia hemodiálise, Evandro não tinha condições de fazer nada. "Vivia com pressão alta", recorda-se. Agora, ele garante levar uma vida normal.

A única restrição é sobre a alimentação. Evandro segue uma dieta bem balanceada. Com o transplante — ele recebeu o rim doado pela família de uma pessoa falecida e cuja identidade nunca foi revelada —, ele voltou a fazer tudo o que fazia antes de ficar doente. "A gente só dá valor à saúde quando a perde", ressalta.

***Colaborou Rodrigo Oliveira**